

DO PÚLPITO PARA O FOGÃO: LIMITES E DESAFIOS NA MULTIVOCACIONALIDADE

FROM THE PULPIT TO THE STOVE: LIMITS AND CHALLENGES IN MULTIVOCATIONALITY

Roberto Geloch¹
Leonídio Görll²

Resumo: O tópico de estudo do presente artigo é a concepção do ser humano como máscara de Deus. O homem é uma máscara que resplandece a face de Deus na vida das outras pessoas, por meio das mais variadas e abrangentes vocações e ofícios com que Deus agraciou os seus filhos, visando o amparo da própria criação divina. Com a queda em pecado e assim a imperfeição humana, os limites de atuação dentro de cada esfera de nossas vocações foram deturpados, acarretando abusos, tanto em um mau uso quanto em um bom uso, porém exagerado e desregrado destas vocações, e, por consequência, da máscara de Deus. Sendo assim, esse artigo busca ensinamentos considerados básicos, mas de grande importância para as nossas vidas, sendo eles a doutrina dos “Dois Reinos”, a identificação que Lutero faz das “Três Ordens”, a assim identificada doutrina da vocação, bem como o conceito de máscara de Deus, para então salientarmos a importância de não confundirmos ou invadirmos os limites das esferas de atuação em que fomos chamados. Como resultado de nossa pesquisa, observamos a

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, ULBRA (2018); pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2020). Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia (2020).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia – Instituto Concórdia de São Paulo (1999), especialista em Psicanálise Clínica, Faculdade de Ciências e Educação, pela UNIVES, ES (2016).

importância de se distinguir, mesmo que de forma simples, as diversas e variáveis vocações que temos em nossas vidas, e assim, quando chamados à ação, agirmos em conformidade com o chamado específico para aquele momento, sem invadir ou sobrepujar uma esfera sobre as outras.

Palavras-chave: Dois Reinos. Vocação. Máscara de Deus. Multi-vocacionalidade.

Abstract: The topic of study of the present article is the conception of the human being as a mask of God. Man is a mask that shines the face of God in the lives of other people, through the most varied and comprehensive vocations and offices with which God bestowed his children, seeking the protection of his own divine creation. With the fall in sin and thus the human imperfection, the limits of action within each sphere of our vocations has been distorted resulting in abuses, both in a misuse and in a good use, however exaggerated and unruly of these vocations, and as a result, of the Mask of God. Thus, this article seeks teachings considered basic, but of great importance for our lives, being the doctrine of the “Two Kingdoms”, Luther’s identification of the “Three Orders”, the so identified Doctrine of the Vocation, as well as the concept of Mask of God, so that we can emphasize the importance of not confusing or invading the limits of the spheres of activity in which we were called. As a result of our research, we observe the importance of distinguishing, even if simply, the diverse and variable vocations we have in our lives and so when called to action, we act in accordance with the specific call for that moment, without invading or supersede one sphere over the others.

Keywords: Two Kingdoms. Vocation. Mask of God. Multivocationality.

INTRODUÇÃO

Quantos ofícios nós desempenhamos? Quais são os limites das nossas vocações? Há problemas se misturarmos o modo de atuar em nossas vocações? Tendo essas perguntas como base, seguimos o estudo, buscando observar os limites de atuação nas múltiplas e variadas esferas vocacionais

que temos em nossas vidas, atuando como despenseiros passivos/ativos da vontade de Deus, servindo, assim, como máscaras de Deus para com o nosso próximo.

É desafiador pesquisar sobre o amplo leque de questões que envolvem a vocação e os desafios que temos diariamente na forma como vamos tratar em nossos chamados.

Para esse estudo, primeiro vamos buscar elementos de algumas doutrinas e conceitos que são pertinentes para a compreensão, segundo Lutero.

Após observarmos como Deus atua na manutenção e sustentação de toda a sua criação, pois devemos ter ciência de que possuímos diversas vocações que são bênçãos de Deus em nossas vidas, então lembrarmos que essas bênçãos devem ser tratadas com responsabilidade, tendo como luzeiro a Palavra de Deus, para assim buscarmos nela o que Deus espera de seus filhos multivocacionais.

DOIS REINOS: UNIDOS, MAS DISTINTOS³

Lutero estava convencido de que Deus não havia se revelado somente na pessoa de Jesus Cristo, como o Redentor de toda a humanidade, mas ele também se revelara como Criador e mantenedor de toda a criação, ou seja, Deus governando o mundo de forma dupla, através do Reino espiritual, na redenção em Cristo, e um Reino secular, administrado pela lei e coerção (BUSS, 1985, p.54).

Lutero assegura a necessidade de que os Dois Reinos, ao mesmo tempo, sejam distinguidos entre si; porém eles devem vigorar ao mesmo tempo, pois nem só um dos reinos, ou só o outro, em separado, serve para o mundo, ou seja, não só o Reino no qual o homem é tornado justo e nem somente o Reino em que se faz a manutenção da vida neste mundo, porém os dois devem se dar simultaneamente. Sem o Reino espiritual, nenhuma pessoa pode ser justificada, pois por meio do Reino secular, por mais que se faça todas as obras de acordo com a lei, ainda vai faltar o Espírito Santo, o qual pode tornar o homem justo (STAHLHOEFER, 2009, p.244).

3 O termo “Reinos” não é muito claro e, por isso, alguns autores preferem a expressão “Dois regimentos” ou duas “formas” de Deus para governar o mundo. Para esse estudo vamos utilizar “Dois Reinos”.

A visão de justificação de Lutero virou o sistema ético de ponta-cabeça e colocou a ética cristã em duas esferas da vida no mundo de Deus. No Reino divino, ou o Reino da direita de Deus, a justiça cristã é algo que resulta somente da fé e, portanto, é impossível em separado da fé (MAXFIELD, 2015, p.29).

Deus estruturou a vida dos seres humanos de tal forma que se conservam em uma relação vertical com Deus, mas também se conservam em um relacionamento horizontal com outros seres humanos, e geralmente é nesse relacionamento horizontal que Deus vem ao nosso encontro através de suas máscaras, ou seja, seres humanos, vindo ao encontro das necessidades dos outros (KOLB, 1982, p.5).

O Reino da mão direita é a proclamação de Jesus Cristo e a administração dos sacramentos; já o Reino da mão esquerda envolve ordem, justiça e leis. Porém não se pode esquecer que Deus é “ambidestro” e usa de ambos os reinos para a instituição de um único Reino de Deus no mundo (NESSAN, 2005, p.306).

No Reino da mão esquerda, Lutero não diferencia o cristão do incrédulo, pois ambos têm responsabilidades e deveres no âmbito da justiça civil humana. O cristão que vive sua fé é portador da justiça cristã, pois é simultaneamente justo e pecador, o que não o liberta de um “comportamento ético no outro reino, no reino da justiça humana ou no domínio da mão esquerda de Deus” (MAXFIELD, 2015, p.29).

Lutero vê, também, nas obras de homens incrédulos, a obra de Deus no mundo, quando esses participam no governo da mão esquerda de Deus, de forma ética por meio das ordens que Deus estabeleceu para manutenção deste mundo (MAXFIELD, 2015, p.29-30).

“Na verdade, em última análise, para Lutero e as Confissões Luteranas há apenas um reino, o reino de Deus, e apenas uma obediência, a obediência ao único Senhor” (BUSS, 1985, p.68).

Sendo assim, Deus é Senhor e governante, onde os santos ainda são pecadores, e esse governo divino não é experimentado apenas de uma maneira na criação. O ser humano experimenta realmente a ira e a misericórdia de Deus, que é simultaneamente o Criador e o Redentor: o evangelho e a lei em distinção, porém, não separados (FROEHLICH, 1999, p.202).

Aplicando esta distinção na vida das pessoas, vemos a importância da vocação, pois os “Dois Reinos” traspassam os corações e as experiências

das pessoas, sendo que em nossas vocações temos simultaneamente um fardo que deve ser aguentado e uma vocação divina que deve, em amor, servir ao próximo (FROEHLICH, 1999, p.202).

Distinguir os dois Reinos não é uma separação total entre fé e vida “civil”, entre igreja e mundo, mas, sim, observar uma contínua relação entre ambos. Para Lutero, a fé cristã dá o entendimento para a vivência “civil”, como forma de governo divino da vida aqui neste mundo. A separação entre as esferas,⁴ para Lutero, é necessária para que não haja uma interferência entre elas, “Porém a separação entre fé pessoal e a forma com que ela se materializa na vida do cristão não pode ser remetida ao Reformador” (STAHLHOEFER, 2009, p.257).

SERVINDO ENTRE AS TRÊS ORDENS

Para Lutero, “o lugar onde os dois reinos são mantidos juntos é o chamado” (GRANE apud PLESS, 2002, p.6). E este chamado é vivenciado dentro da criação. Sendo assim, Lutero identificou três ordens: a ordem eclesiástica, a ordem familiar (que inclui o domínio econômico) e a ordem política, nas quais se exerce a vocação (PLESS, 2002, p.6).

Em seu comentário ou preleções a Gênesis, Lutero define o papel de cada ordem dentro da criação:

E lhe ordenou dizendo: come de toda a árvore do paraíso, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás (Gn 2.16,17). Essa é a instituição da Igreja, antes que houvesse organização econômica e política, pois Eva ainda não fora criada. A Igreja é instituída sem muros e sem qualquer pompa, num lugar muito amplo e agradável. Depois da instituição da Igreja, organiza-se também o regime doméstico, quando se dá Eva a Adão como parceira. Dessa maneira, o templo é anterior à casa, o que [aliás,] também é melhor. Tampouco houve organização política antes do pecado, porque não era necessária. Pois a organização política é o remédio necessário para a natureza corrompida (LUTERO, 2014, p.134-135).

4 Nesse artigo, algumas vezes vão ser mencionadas as “esferas”, caracterizando os limites e o círculo de atuação de cada ofício ou vocação.

Seguindo esta linha de pensamento, somente a igreja e a família são ordens da criação, enquanto a política, mesmo que ordenada por Deus, só o foi após a queda. Contudo, se observarmos o Quarto Mandamento, tanto a igreja como o estado brotam da família. Logo, eles podem ser vistos como parte da criação antes da queda.⁵ De qualquer forma, mesmo que não se deva confundir como ordens da criação, a igreja, família e política têm algo em comum, pois são “máscaras” para a ação de Deus dentro de sua criação (WACHHOLZ, 2016, p.1200-1201).

Na ordem eclesiástica não se encontra apenas o sacerdote ou o ofício pastoral, mas toda a vida e o ofício da igreja são ordens da criação divina. De igual modo, na ordem familiar, que não envolve somente o casamento, mas toda a vida familiar, compreendendo também o trabalho e a produção do sustento, sendo uma ordem criada por Deus para que o seu povo viva em santidade e fé. Na ordem política, engloba todas as ordens civis, relacionando governo e obediência, bem como o serviço ao estado. Nessas esferas, o cristão serve a Deus pela fé, sendo uma obra santa se realizada conforme a Palavra de Deus (MAXFIELD, 2015, p.30).

A revolução industrial fez com que a ordem familiar se dividisse em duas situações, mas que em si, compõem a mesma esfera, sendo elas: uma situação de atividades domésticas e, outra, econômicas. Essa divisão se dá pelo modo de trabalho que as famílias modernas possuem ser diferente do modelo unitário que se tinha nos tempos de Lutero, onde toda a família saía junta para o trabalho no campo (KOLB, 1982, p.5-6).

Os chamados familiares são tão importantes, que, neste contexto, Lutero pode usar linguagem que de outra forma assiduamente ataca e resiste: chamado por Deus, o crente torna-se parceiro e amigo de Deus, trabalhando com Deus para cuidar do pai idoso, amar uma esposa, dar vida a uma criança e, assim, contribuir para o futuro da comunidade. A parceria não é exclusiva do trabalho familiar, os chamados na igreja e no estado são todos abençoados por Deus como pontos específicos de serviço. Mas as características vitais, que moldam a vida da casa, dão isso um significado prévio (NESTINGEN, 2003, p.37).

5 Podemos observar essa distinção entre as ordens criadas e a pós-queda, porém nem todos veem dessa forma, pois observam o bom governo como ordem da criação. Esta distinção poderá ser discutida em outro momento. Contudo para este artigo, quando for utilizado o termo “ordens da criação”, levaremos em consideração as três ordens: igreja, família e política como um todo.

Essa divisão não é simplesmente como se a igreja estivesse na mão direita de Deus e as ordens econômica-familiar e política estivessem na mão esquerda, mas, sim, os cristãos servem em qualquer uma das três ordens, ou seja, os cristãos fazem parte dos dois Reinos como membros ativos, na família, cultura e sociedade, servindo ao próximo por meio de ações morais, agindo para Deus nos afazeres de suas vocações, bem como na igreja, onde são justos pela fé e recebem passivos a graça de Deus (VEITH JR., 2014, p.100).

Para Lutero, o ofício pastoral e o ministério da Palavra vão além do ofício da pregação, pois englobam tudo o que os pastores e leigos, que servem nesta ordem, fazem em nome de Cristo, uma vez que estão “vivendo sua vocação dentro da ordem divina da igreja ou no serviço da igreja”, sendo santas obras de Deus para o mundo (MAXFIELD, 2015, p.31).

Contudo, o servir na igreja não é a única vocação santa em que os cristãos são chamados, pois nas outras ordens podemos ver as obras sagradas aos olhos de Deus.

Da mesma forma, pais e mães cuja casa esteja bem governada, e filhos criados para o serviço de Deus, [isto] é também puro “lugar santo” e trabalho santo e ordem sagrada. Da mesma forma, onde duas crianças e servos estão obedientes aos pais e mestres também é pura santidade, e quem é encontrado nela, é um santo vivo na terra.

Da mesma forma, também príncipe ou soberano, juiz, funcionário público, chanceler, notário, trabalhadores, empregadas domésticas e todos esses servidores – todos súditos obedientes – tudo é puro “lugar santo” e uma vida santa diante de Deus. Pois essas três instituições ou ordens estão incluídas na palavra e no comando de Deus. Mas o que está incluído na palavra de Deus, isso deve ser algo sagrado, pois a palavra de Deus é santa e santifica tudo o que está conectado a ela e nela está.

Acima dessas três instituições e ordens está a ordem comum do amor cristão (MAXFIELD, 2015, p.31).⁶

Aqui Lutero apresenta a multi-abrangente ordem comum do amor cristão, que deve permear e unir as três ordens fazendo com que a vida

6 St.A. 4: 250,7-19; ver LUTHER’S WORKS (LW) 37: 364–65.

santa seja vivida na família, na esfera civil, bem como na igreja (VEITH JR., 2014, p.79).

Nesta ordem comum do amor cristão, todas as pessoas em suas vocações interagem e se relacionam. “Essa é a esfera do bom samaritano, da amizade, das interações cotidianas das pessoas que Deus colocou em sua vida e a quem ele chama para amar e servir.” Sendo o amar e o servir ao próximo, o propósito de todas as vocações (VEITH JR., 2014, p.79).

As três ordens, juntamente com a ordem comum do amor, estão em uma clara conexão com a Bíblia. Lutero nos afirma que: “essas três instituições ou ordens religiosas são encontradas na Palavra e no mandamento de Deus; e o que quer que esteja contido na Palavra de Deus deve ser santo, pois a Palavra de Deus é santa e santifica tudo o que está relacionado e envolvido nela” (MAYES, 2018, p.57).⁷

Portanto, não apenas no serviço na igreja, mas também aqueles pais que governam sua casa conforme a Palavra de Deus, praticando a justiça cristã, são santos e sua casa é um lugar santificado aos olhos de Deus. Da mesma forma, o governante ou o funcionário público que servem nesses ofícios expressando sua fé através do amor, vivem assim a justiça divina, sendo uma extensão contínua da pessoa e obra de Cristo no mundo (MAXFIELD, 2015, p.32).

Contudo, o ofício tem uma direção sensível com relação às obras, pois a “fé e o amor” podem transformar as obras realizadas no ofício, ou seja, ofício todo o homem tem, mas fora do relacionamento com Deus estes não têm vocação (WINGREN, 2006, p.106).

“DEUS NOS CHAMA PARA SERVIR”: DOCTRINA DA VOCAÇÃO

Vocação, por vezes pode ser entendida como uma carreira profissional, contudo, para os cristãos, vocação significa um chamado de Deus, ou seja, uma vocação divina, pela qual Deus chama as pessoas para suprir as necessidades comuns da vida humana, no lugar onde nos encontramos, “Deus nos chama para servir” (MAYES, 2018, p.45). Ou seja, o ser humano é genuinamente bi vocacional, sendo primeiro chamado pelo evangelho

⁷ Luther, Confession Concerning Christ’s Supper (1528) Cf. AE 37:365.

à fé em Cristo e, após, servindo ao próximo como instrumento pelo qual Deus faz a sua obra no mundo (PLESS, 2002, p.7).

A compreensão de Lutero sobre a vocação se harmoniza perfeitamente com a doutrina da justificação pela fé, que é o tópico central do culto em Lutero, onde Deus serve o ser humano com os meios da graça e estes recebem esses benefícios por meio da fé, e então servem a Deus sacrificialmente ao se entregarem em amor ao próximo. A fé e o amor ao próximo fazem parte da vocação, “assim como Cristo se entregou a nós” (PLESS, 2002, p.5).

Para Lutero, Deus está presente nas vocações, pois de alguma forma está liderando as pessoas a fazer seu trabalho no mundo, pois Lutero vê Deus como o criador que conecta sua Palavra com a criação em sua obra, ou seja, o trabalho do cristão está justificando o pecador e também servindo ao vizinho (ALMS, 2016, p.11).

Em outras palavras, para Lutero, a doutrina da vocação cristã é um elemento do artigo central da fé cristã. A vocação do cristão é parte da obra santificadora e contínua de Jesus Cristo na vida dos pecadores que são justificados diante de Deus pela fé. A vocação do cristão é, portanto, um elemento do ensino de Lutero sobre justiça cristã, e não simplesmente um subconjunto cristão do ensino mais amplo a respeito da justiça civil ou humana (MAXFIELD, 2015, p.29).

Lutero, na confissão de 1528, trata a vocação dentro do segundo artigo do Credo, vinculando a vocação cristã à justiça em Cristo.⁸ Onde também condena os mosteiros e as tradições das ordens monásticas pelo fato de serem uma busca pela santidade baseada e instituída por homens, não sendo orientada pelas Escrituras. Os mosteiros até teriam seu valor se:

as instituições monásticas fossem dedicadas a treinar homens para se tornarem pastores e pessoas competentes para servir no governo civil e a treinar “mulheres finas, respeitáveis e instruídas, capazes de manter a casa e criar os filhos de maneira cristã”, elas seriam uma

8 Nos Artigos de Esmalcalde, III, 3 é tratado sobre o arrependimento: “E, aqui, o homem precisa ouvir este Juízo: ‘Todos vós nenhuma importância tendes, quer sejais pecadores manifestos, quer sejais santos; todos deveis tornar-vos diferentes e agir de outra maneira de que agora sois e agis. Quem quer que sejais e pouco importando quão grandes, sábios, poderosos e santos sois, aqui ninguém é justo etc’” AE, III, 3 (LIVRO DE CONCÓRDIA, 2014, p.325).

boa coisa. “Mas buscar um caminho de salvação, que é a doutrina e o credo do diabo” (MAXFIELD, 2015, p.30).⁹

Em alguns de seus escritos, Lutero enfatiza que todos têm um próprio chamado de Deus. E nessas passagens, três pontos se destacam, sendo o primeiro, o fato de Lutero não comentar sobre o discernir qual é o chamado de Deus para a vida das pessoas, mas, sim, assumir que o seu chamado é onde você está. O segundo ponto é sobre a omissão em abordar a possibilidade de mudar de carreira, o que Lutero enfatiza é que não se pode fugir de seu dever, se escondendo atrás de peregrinações e mosteiros. O terceiro ponto que Lutero salienta são as três ordens (família, igreja e governo civil) estabelecidas, de atuação na vida das pessoas (MAYES, 2018, p.51).

A vida santificada não deve ser vivida em um mosteiro, ou por meio de peregrinações, devoções ou penitências diante de relíquias, mas, sim, o cristão deve viver sua vida santificada dentro das ordens criadas e governadas por Deus, e é aqui que o cristão vive uma vida santa e participa da santidade de Deus (MAXFIELD, 2015, p.31).

Poderíamos pensar que a ideia de monasticismo é algo do tempo de Lutero, mas Pless menciona que: “O evangelicalismo americano gerou o que pode ser chamado de ‘neomonasticismo’. Como o seu equivalente medieval, o neomonasticismo dá a impressão de que o trabalho religioso é mais agradável a Deus do que outras tarefas e deveres associados à vida no mundo”. Nesse pensamento, o crente acredita que o trabalho na igreja é mais digno do que uma mãe que cuida do filho, ou o trabalho em uma fábrica (PLESS, 2002, p.7).

Seguindo nessa reflexão, Pless apresenta, em semelhança ao neomonasticismo, o “‘neoclericalismo’ que se esconde por trás do slogan

9 St. A. 4: 249,21–27; Cf. LW 37: 364 Mais tarde, na confissão, Lutero expande essa rejeição da santidade monástica, incluindo a oferta sacerdotal da missa como sacrifício: “Acima de todas as abominações, porém, faço a missa quando é pregada e vendida como sacrifício ou boa obra, por sobre ela mantém todas as fundações religiosas e mosteiros, mas, se Deus quiser, logo eles serão derrubados. Pois, como eu realmente fui um grande, doloroso e vergonhoso pecador, e também minha juventude que gastei e desperdicei de forma condenável, meus maiores pecados ainda são que eu fui um monge tão sagrado, e com tantas massas eu tão terrivelmente enfiado, atormentado e atormentando, meu querido Senhor, por mais de quinze anos. Mas que louvores e graças à sua inexprimível graça sejam ditos para a eternidade, que ele me tirou de tal abominação, e ainda diariamente me sustenta e fortalece na fé correta, apesar da minha ingratidão” (St.A. 4: 256,1-10; ver LW 37: 370–71) (MAXFIELD, 2015, p.30).

“todos são ministros””. Nesse caso, mais digno seria o trabalho que se iguala ao trabalho do pastor (PLESS, 2002, p.7). “Quando isso acontece, ‘a vocação dos batizados não é mais a liturgia após a liturgia, mas uma liturgia substituta’” (LINDBERG apud PLESS, 2002, p.7).

O que diferencia uma vocação divina de outra é a Palavra de Deus. Não se deve gastar todas as forças tentando descobrir qual é o seu chamado de vida, mas se deve realçar a continuidade do chamado universal de Deus para os cristãos na vocação batismal. Sendo que “a vocação batismal é o perdão e uma vida de boas obras definidas pelo amor e pela lei moral revelada nas Escrituras” (MAYES, 2018, p.60).

O batismo é o fundamento da vida cristã de sacrifício, contudo, esses sacrifícios não ganham a salvação ou tornam uma pessoa justificada, mas, sim, espalham o amor para com o próximo. Essas obras não são para Deus, pois ele não precisa delas, mas o nosso próximo, sim. Estando libertos do peso de praticar obras para a autossalvação, então, o cristão pode se voltar para o bem-estar do próximo (PLESS, 2002, p.5).

Sendo assim, a vocação do cristão é resumida em viver a fé por meio do amor dentro das ordens que Deus instituiu para a manutenção da criação. Todo o cristão é vocacionado para servir a Deus na igreja de diversas formas, sendo ministro ou leigo, ao mesmo tempo que todo cristão serve a Deus, em sua vocação, na sua casa e na esfera econômica, bem como servindo a Deus na política por meio dos ofícios instituídos por Deus. Cada ordem é santa, pela qual o cristão vive a justiça de Cristo dada graciosamente por Deus, como um presente recebido unicamente pela fé. Portanto:

A vocação dos cristãos não é simplesmente um ensino sobre ética no domínio da esquerda, isto é, no domínio da justiça humana, mas também é uma expressão da justiça cristã. De fato, a justiça ou perfeição cristã é uma vida a ser perseguida não abandonando o mundo, mas vivendo no mundo, demonstrando amor cristão nas três ordens que Deus instituiu no mundo. Todo cristão tem responsabilidades em todas essas três ordens de criação (MAXFIELD, 2015, p.36).

A doutrina da vocação dá sentido espiritual para a vivência comum diária, santificando as ordens instituídas por Deus que tem o domínio espiritual e terreno, dando liberdade aos cristãos para abraçarem a esfera secular sem serem destruídos pelo secularismo (VEITH JR., 2014, p.94).

USO OU SOU UMA MÁSCARA DE DEUS?

Todo o bem que o homem pode fazer na terra é criado por Deus e deve ter um sentido único, o próximo. Perante Deus, o bem não é realizado pelo homem, mas, sim, por Deus e unicamente no próximo. Este bem surge como vindo de quem realmente o faz, sendo assim, “é por meio desse fato que podemos entender a noção do homem como sendo ‘máscara’ de Deus” (*Larvae Dei*) (WINGREN, 2006, p.34).

Deus age como Criador, completando sua criação com a sua presença, por isso, em nossas vocações, o que nos parece uma simplória ação humana, na verdade, “é a santa obra divina do Deus Criador” (ALMS, 2016, p.12).

Deus chama todos os cristãos para uma vida de vocação. Ter vocação significa viver o chamado. Para os cristãos, esse chamado é respondido nas estruturas da vida cotidiana – família, trabalho, estado, serviço ao próximo, cuidado com a criação – como o cenário para viver sua identidade no Evangelho (FROEHLICH, 1999, p.206- 207).¹⁰

Deus estabeleceu os seres humanos para a vocação dentro da criação original. Essa vocação situou o ser humano como um livre senhor de toda a criação e, ao mesmo tempo, um servo de Deus e da ordem criada. “O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito” (LUTERO, 1989, p.437). Esta liberdade da vocação está entrelaçada com o caráter autodoador de Deus sendo a justiça divina, a qual os luteranos confessam ser a *Imago Dei* (imagem de Deus) (KILCREASE, 2010, p.25).

Contudo, por vezes, Deus não age de maneira direta, porém medialmente, para manter a ordem na vida, pois utiliza-se das diversas vocações das pessoas, que são suas máscaras, trabalhando de diversas maneiras em prol da manutenção da criação (ALMS, 2016, p.15).

Nessa relação de Deus para com as pessoas e de pessoas para pessoas, devemos considerar as ordens da criação como máscaras pelas quais Deus atua na manutenção de sua própria criação (WACHHOLZ, 2016, p.1200).

10 Citado por Karlfried Froehlich, com referências em: Evangelical Lutheran Church in America, Division for Ministry, *Together for Ministry: Final Report and Recommendations of the Task Force on the Study of Ministry 1988-1993* (Chicago: Evangelical Lutheran Church in America, 1993), p.16, parte III.

Ações naturais como precipitações climáticas, sol, colheitas, também são máscaras de Deus, em que sua ira e seu amor se escondem, mas essa é uma ação direta de Deus; porém, com relação ao homem, é interessante notar que em sua cooperação na vocação, o homem torna-se máscara de Deus, trabalhando e fazendo a sua obra sempre em favor do próximo. Exercendo a sua vocação, o homem é um instrumento na mão de Deus, que se revela através da ação humana (WINGREN, 2006, p.150).

Pois, ainda que, de resto, muitas coisas boas nos vêm dos homens, todavia, é receber de Deus tudo quanto se recebe por seu mandato e ordem... As criaturas são apenas a mão, o canal e o meio através de que Deus tudo concede, assim como dá seios e leite à mãe para dá-lo à criança e dá grãos e toda espécie de frutos da terra para alimentação. Criatura nenhuma pode produzir, por si mesma, um só que seja desses bens (CATECISMO MAIOR, 26, LIVRO DE CONCÓRDIA, 2014, p.398).

Deus tem poder para criar filhos sem que fosse necessário usar os humanos, porém é do seu agrado ocultar sua majestade, se vestindo de um homem comum a fim de realizar a sua obra na terra (WINGREN, 2006, p.150-151).

Sendo assim, é por meio de nossas tarefas, comuns e diárias, que Deus está trabalhando em prol e no meio de sua criação, servindo à mesma, não sendo necessário que o homem vá em busca de sua vocação, pois é onde estamos, na “posição” que Deus nos colocou, que exercemos nossa vocação. Lutero exortou a que as pessoas ficassem no lugar onde estavam, cumprindo seus deveres e assim defendendo a criação e servindo ao próximo (HURD, 1995, p.273).

A bondade de Deus vem a nós de diversas maneiras, através de pessoas, tendo elas fé ou não. Lutero trata as obras dos cristãos como “frutos do Espírito”, peculiarmente desenvolvidos nas “máscaras” que são consequência do amor de Deus para com a criação. Contudo, Deus também usa aqueles que não aceitaram o evangelho, utilizando os ofícios que as pessoas possuem e que são criados por Deus, porém Deus opera nessas pessoas sem o Espírito (WINGREN, 2006, p.162).

O cristão também pode ser duro em certas ocasiões e amável em outras, expressando assim a sua liberdade de fazer ou não certas coisas, o que reflete o livre-arbítrio. “Como Deus é tanto ira quanto amor, a concepção

do homem como sendo máscara de Deus implica isto: o homem pode ser uma máscara para a ira de Deus e não só para seu amor. Toda ação tem o seu ‘tempo’” (WINGREN, 2006, p.221).

Observando o sentido de que os cristãos são máscaras de Deus, eles também são como “pequenos Cristos” para com o seu próximo. Lutero diz:

Assim como nosso próximo está necessitado e carece daquilo em que abundamos, também estávamos necessitados diante de Deus e carecemos de sua misericórdia. Portanto, como nosso Pai celestial em Cristo veio livremente em nosso auxílio, também devemos ajudar livremente nosso próximo através de nosso corpo e de suas obras, e cada um se torna como se fosse um Cristo para o outro, para que sejamos Cristo um para o outro (AE 31: 367–368; PLESS, 2002, p.6).

Esta imagem divina de santidade e justiça é uma imagem relacional, pois Deus diz que fomos criados segundo “nossa imagem” e “nossa semelhança” (Gn 1.26). Sendo assim, somos receptores e senhores da criação divina, e então livres em submissão a Deus e a toda criação como servos (KILCREASE, 2010, p.26). Sendo que, “a fé gera liberdade de vocação, que glorifica a Deus refletindo sua glória” (KILCREASE, 2010, p.28).

Em Cristo crucificado é que podemos realmente conhecer a Deus, que se oculta na cruz, mas que paradoxalmente se revela na cruz de Cristo; sendo assim, Deus se mostra ao se ocultar e apenas no oculto se revela. “A cruz – e isso vale também para o agir de Deus através de Igreja, economia e política – é, então, ‘máscara’ ou ‘véu’ utilizada para sua autorrevelação” (WACHHOLZ, 2016, p.1197).

Nesta vida não podemos tratar com Deus face a face, por isso encontramos Deus velado, sendo que “toda a criatura é uma face ou máscara de Deus e da sua obra” (LUTERO, 2008, p.108). Aqueles que não têm o evangelho, não conseguem diferenciar Deus e suas máscaras, podendo apenas observar máscaras diferentes, sem perceber que Deus está “oculto por trás de suas múltiplas máscaras: pai, governantes, próximo, esposa, filhos, etc.” (WINGREN, 2006, p. 152-153).

Para conseguir distinguir Deus da máscara, é necessário sabedoria, e isso é algo que o mundo não possui, e que somente o “homem espiritual”, regenerado, pode fazer. Quando uma pessoa avarenta, que só pensa em saciar seu ventre, ouve que “Não só de pão viverá o homem, mas de toda

palavra que procede da boca de Deus” (ARA, Mt 4.4), ela realmente come o pão para saciar-se, mas não consegue ver Deus naquele pão, porque só vê uma máscara e nela põe a confiança durante o tempo que a possui, desesperando-se quando o mesmo falta (LUTERO, 2008, p.108).

Sendo assim, são múltiplas as máscaras de Deus, bem como as vocações, as quais, no exercício das mesmas, “o homem se torna uma máscara de Deus”, contudo, tanto as máscaras quanto as vocações não implicam em um partidarismo, pois todas as ordens e vocações estão unidas, uma vez que estão ligadas a um ponto comum do qual são originárias, Deus (WINGREN, 2006, p.192).

Toda a criação, cada ser criado é, individualmente, uma máscara de Deus, porém “só é máscara, ou seja, nada é por si e para si, mas é apenas um invólucro ocultador do Criador que nos fala a partir dela e através dela” (EBELING, 1988, p.157).

A natureza, a existência e os atributos que a pessoa, como máscara de Deus, possui, são o próprio Deus vindo nelas para se encontrar conosco. Em uma busca de Deus, as criaturas não podem ser deixadas de lado, em segundo plano, pois “representam Deus no palco onde, na verdade, ele mesmo representa o papel principal” (WATSON, 2005, p.109-110).

“O ser humano é pessoa no sentido de máscara e papel como aquele que ele é diante do mundo, graças às suas obras, de acordo com a função que exerce e atrás da qual sua existência nua e crua, num conceito radical, está oculta, com a qual se reveste perante o mundo” (EBELING, 1988, p.160), ou seja, o conceito de máscara não está relacionado com uma existência oculta do ser humano, mas trata-se, sim, da Palavra de Deus que está por detrás. Ser uma pessoa, nesse pensamento, é assumir o que Deus quer de nós frente ao mundo executando sua vontade e representando Deus, usar a autoridade que nos foi confiada (EBELING, 1988, p.161).¹¹

11 Com relação ao uso das máscaras, cabe aqui salientar um ponto importante que é o bom e também o mau uso das máscaras. Sendo o bom uso: quando revela Deus como aquele que está por detrás da máscara e as ações desta também exaltam a Deus como o doador de todas as bênçãos, sendo que estas ações sempre devem ser para benefício de todos a quem alcançam, não importando se são na ordem da criação ou da salvação. Por outro lado, o mau uso se dá quando se deixa Deus de lado, ou mesmo o esconde e há um autoengrandecimento. Ainda temos um mau uso da máscara de Deus quando ela não é usada para beneficiar alguém, ou quiçá visa prejudicar as pessoas. Como exemplo, podemos observar o uso da inteligência para lograr alguém ou o emprego de uma teologia falsa para levar alguém a uma fê falsa e assim por diante.

Sendo assim, todas as máscaras de Deus no exercício das vocações se dirigem para o próximo visando a manutenção da criação (WINGREN, 2006, p.192). “Na verdade, pode-se muito bem dizer que o curso do mundo, e especialmente a ação de seus santos, são a máscara de Deus, sob a qual ele esconde ele mesmo e assim exerce maravilhosamente o domínio e introduz a ordem no mundo” (LUTHER, 1962, p.33).

A IMPORTÂNCIA DE ORDEM E LIMITES NO TRATAMENTO DAS MÚLTIPLAS ESFERAS VOCACIONAIS

Como foi observado acima, o homem é máscara de Deus servindo ao próximo em suas vocações, e o próximo, por sua vez, recebe os benefícios da ação de Deus por meio da própria criação, ou seja, a máscara é uma só,¹² o que muda são as diversas vocações que o homem possui. Conforme Kathryn Kleinhans nos diz:

Uma das contribuições distintas de Lutero ao conceito de vocação é sua afirmação da pluralidade de vocações na vida do indivíduo. As arenas do mundo atividade identificada por Lutero não são mutuamente exclusivas: um pode ser um pai, um empregador ou empregado, cidadão e membro da comunidade cristã simultaneamente. As diretrizes de Lutero para a prática da confissão demonstram claramente sua consciência de que os cristãos são chamados por Deus para múltiplas responsabilidades... Quando eu olho no espelho, não vejo nem uma santa genérica, nem uma pecadora genérica. Eu vejo a esposa deste marido em particular, a mãe de crianças em particular, a professora de alunos em particular, uma cidadã desta comunidade e nação em particular etc. É nestes contextos específicos que eu sou chamada para servir (KLEINHANS, 2005, p.399).

¹² “Vivo, com efeito, na carne, mas esta vida que em mim se processa, por pequena que seja, não considero vida. Pois não é uma vida verdadeira, mas, apenas, uma máscara da vida sob a qual vive um outro, a saber, Cristo, que é minha verdadeira vida, que não vês, mas, apenas, ouves, como ouves a voz do vento, mas não sabes de onde vem nem para onde vai (Jo 3.8). Assim me vês, com efeito, falando, comendo, trabalhando, dormindo etc., e, contudo, não vês a minha vida. Pois esse tempo da vida que vivo, eu, na verdade, vivo na carne, mas não a vivo à base da carne nem segundo a carne, mas na fé, à base da fé e segundo a fé” (LUTERO, 2008, p.174).

Mesmo após a vinda de Cristo, Deus continua a falar com sua criação. “Na verdade, nossa glória no Novo Testamento é maior, pois não só temos Deus se aproximando de nós, mas também o temos habitado em nós corporalmente”.¹³ Deus continua a nos presentear com sua grande bondade, deixando-se encontrar não somente nos sacramentos, no evangelho, mas também em “qualquer irmão que comigo confesse e acredite no Filho de Deus”, sendo epifanias comuns a todos os cristãos (STEINBRONN, 1992, p.145).

Lutero consegue ver Deus presente e servido tanto na ação do cristão quanto no que os outros fazem pelo cristão em suas vocações. Em ambas as formas, é Deus agindo por suas máscaras na manutenção da criação, pois Deus está de forma paralela presente na vocação do cristão e no envio de outros para servir o cristão. “O cristão pode ter certeza de que Deus atua através dele quando ele exerce sua vocação e que Deus está presente a ele quando outros o servem” (ALMS, 2016, p.16).¹⁴

Dentro de cada esfera de atuação das pessoas, existem funções ou ofícios distintos e específicos. Por exemplo, na igreja temos os pastores, professores, leigos, servas em vários cargos. Pode haver uma hierarquia, externa ou interna, religiosa ou moral entre os ofícios, porém, perante Deus, todos são iguais, tendo diferenças apenas nas funções.¹⁵ Isso também é válido para as outras esferas como o casamento, a família, a política, etc. “Há uma variedade de ofícios neles, alguns mais elevados do que outros exteriormente, mas espiritual e moralmente todos são iguais perante Deus. Como um homem medieval, Lutero tendia a ver esses papéis e cargos em termos estáticos” (LAZARETH apud BENNE, 2016, p.9).

Sendo assim, podemos observar que dentro das esferas há diferentes estruturas, bem como ofícios e vocações. Lutero tendia a ver uma certa estabilidade, contudo, esses conceitos mudaram. A superioridade da igreja já não era mais considerada; o casamento não era mais visto como um sacramento, mas, sim, como um “patrimônio social e sagrado”; o príncipe já não era mais um despenseiro do papa. “Grandes mudanças vieram com

13 LW 1:169.

14 Esse receber Deus, Lutero trata quando discute sobre Gênesis 18, onde Abraão recepciona três visitantes baseando-se nas palavras de Jesus em Mateus 25. (Cf. LUTERO, Martinho. Gênesis. In: Martinho Lutero – *Obras Seleccionadas* – v.12. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2014, p.430).

15 LW 44:127–130.

a reforma, as quais deixavam demonstrar uma dinâmica criativa da lei divina” (WITTE apud BENNE, 2016, p.12). Ou seja, um certo equilíbrio e limites foram estabelecidos, e, assim, as pessoas, impulsionadas pela mão esquerda de Deus, puderam ser movidas “para mais perto da vontade eterna de Deus” (BENNE, 2016, p.12).

Mas o homem não é uma completa “marionete” nas mãos de Deus, pois “é no contexto do Reino terrestre que Lutero vê a razão natural positivamente. Ele pode até se referir ao reino terrestre como ‘reino da razão humana’”. Ou seja, o homem tem certas capacidades e responsabilidade suficientes para tratar de assuntos terrestres, na horizontalidade entre a criação, seguindo a razão, pois a razão, o livre-arbítrio e o poder, mesmo que “defeituosos” pela natureza corrupta pós-queda, ainda estão presentes no homem, capacitando-o a administrar e governar certas esferas terrenas. Segundo Hein, para Lutero, a razão, unida à lei natural, é a vontade criativa de Deus (HEIN, 1972, p.140).

Embora vivam, se movam e existam em Deus, os seres humanos continuam livres, de vontade própria, que são pessoalmente responsáveis perante Deus por tudo o que fizeram (*libertas a coactione, liberdade de coação*). Essa verdade é ensinada na Escritura (At 17.30) e confirmada pela experiência. (Rm 1.32: “Conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticaram”) (MUELLER, 2004, p.197).

Para Hein, mesmo com a razão como parte integrante do plano de manutenção divina, no âmbito terreno, ainda existe a pessoa do cristão em seu governo espiritual, onde a Escritura governa, sendo que, “os dois reinos de Lutero, estão interligados metafisicamente pela soberania de Deus, e sociologicamente pela vida do cristão” (HEIN, 1972, p.144). Ou seja, temos uma certa autonomia em escolhas nas relações horizontais, contudo, cabe observar o que Paulo diz aos Coríntios: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1Co 6.12 – ARA).

As Confissões Luteranas também trazem à tona a preocupação de que não haja uma invasão de um Reino no outro, ou seja, um Reino governar ou prestar obediência ao outro, uma vez que eles se dão simultaneamente em cada pessoa no mundo, onde o evangelho cuida da vida eterna e a justiça,

do coração, e, por outro lado, porém ao mesmo tempo, o poder secular trata das coisas físicas, corpo e bens (BUSS, 1985, p.62).

Onde, pois reinar somente o regime secular ou a lei, aí pode haver somente hipocrisia, mesmo que fossem os próprios mandamentos de Deus. Pois sem o Espírito Santo no coração, ninguém se torna verdadeiramente justo, faça tantas belas obras quantas quiser. Onde, porém, o regime espiritual governa sozinho sobre terra e gente, aí se darão rédeas soltas à maldade e se abrirá espaço a toda sorte de patifarias. Porque o mundo em geral não o pode aceitar e compreender (LUTERO, 2016, p.87).

Caso alguém desejasse governar um estado utilizando-se apenas do evangelho, eliminando toda a lei, e por isso soltando a todos que estão em cadeias com o pretexto de que são batizados e cristãos, o estado se tornaria um caos, uma vez que os maus iriam abusar de sua liberdade cristã sob o “manto do nome cristão”. Esse desejo seria possível, mas “cuida e enche primeiro o mundo de verdadeiros cristãos antes de governá-los cristã e evangelicamente” (LUTERO, 2016, p.85-87).

Porém ainda não vivemos em um mundo “evangélico”, por isso temos que aprender e observar qual é o alcance do braço e até onde se estende a mão, para que não ultrapassemos os limites, pois danos, por vezes “insuportáveis e terríveis” podem surgir quando “se abre espaço demais, sendo também prejudicial limitá-lo em demasia” (LUTERO, 2016, p.97).

Lutero aqui está se referindo ao limiar da esfera secular e até onde um governante em seu ofício tem autoridade, exemplificando: até onde a ordem política pode adentrar na ordem familiar, na igreja ou outra ordem. Novamente cabe lembrarmos que, por vezes, é a mesma pessoa, a mesma máscara de Deus, que está em ambas as esferas, “cada homem é pai ou filho, ao mesmo tempo ele é um produto da esfera econômica em alguma capacidade ou é um receptor, ao mesmo tempo que ele também é governante ou governado, ele é um pregador ou um ouvinte” (HEINECKEN, 1952, p.401).

Sem dúvida, dentro de cada esfera (casamento, maternidade, paternidade, governante, pastor...), temos muitos chamados, e cada um desses chamados têm as suas características particulares bem como o seu tempo, uma vez que as relações entre os indivíduos de uma esfera em particular vão

se modificando conforme a necessidade, o tempo e o ofício desempenhado pelos participantes, tornando os chamados, “pontos de formação de vida em que, conscientemente ou sem conhecimento, a pessoa realmente funciona como máscara, mão ou canal de Deus” (NESTINGEN, 2003, p.37).

Confundir os Dois Reinos ou as esferas de atuação de cada vocação é consequência de se confundir a liberdade e a servidão,¹⁶ pois essa corrupção do mundo divino é uma obra do diabo (*opus diabolis*), sendo uma ação agressiva contra Deus, por meio do mal que está no coração humano e sobre o qual a responsabilidade recai. O diabo é um autor incansável em confundir, o que “não é nada novo o diabo misturar todas as coisas”.¹⁷ Geralmente as confusões se dão por meio de um “desvio na vocação e uma violação da vocação da pessoa, isto é, através do abuso dos seus próprios ofícios.” Ser máscara de Deus em nossas vocações é “o cuidado correto pelo ofício, o qual é traído quando a confusão toma conta” (WINGREN, 2006, p.126- 128).

Com relação ao abuso nos ofícios, podemos trazer como exemplo a profissão de um militar que em si é correta, contudo, a pessoa que exerce tal ofício pode abusar dele e esse uso abusivo é pecaminoso, porém o “uso pecaminoso do ofício não diminui o próprio ofício” (PLESS, 2016, p.67). Contudo, o abuso não é exclusivo do ofício militar, este aqui apenas nos serviu como exemplo, uma vez que esses abusos podem ser observados em qualquer uma das esferas de atuação dos seres humanos. Podemos observar o abuso na vocação em um marido que trai ou maltrata sua esposa, sendo assim um mau marido; em um pai autoritário, em uma mãe despreocupada com o filho, dentre outras situações em que a máscara de Deus está sendo usada de maneira incorreta.

Outra situação em que pode haver abuso é quando não se consegue distinguir as vocações, ou seja, quando não se consegue separar os chamados e se age, por exemplo, no lar da mesma forma que deve atuar quando no ofício de pastor, ou então, quando está exercendo o ofício de pastor age da mesma forma como se estivesse em sua casa, ou como um cidadão comum, por exemplo. De forma alguma deixamos de ser cidadão, marido, pai, quando estamos no ofício de pastor, e temos responsabilidades sobre

16 “O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito” (LUTERO, 1989, p.437).

17 WA 46, 735 e s. (Exposition of John 1 and 2, 1538). Cf. 734 e 735:

todas as esferas, contudo, em alguns momentos, sou chamado como pastor, e então, devo agir como tal e da melhor maneira possível, conseguindo separar, mesmo que grosseiramente, entre as esferas de atuação.

Sendo assim, em cada momento de nossas vidas, quando e onde somos chamados em nossas múltiplas esferas de atuação de nossas vocações, a servir, “é vital para cada um limitar-se à sua própria vocação e permanecer nela” (WINGREN, 2006, p.127).

Quando tenho esta justiça em mim, desço do céu como a chuva que fecunda a terra, isto é, avanço para dentro de um outro reino e faço boas obras onde houver oportunidade. Se sou ministro da Palavra, prego, consolo os fracos, administro os sacramentos. Se sou pai de família, governo o lar, a família e educo os filhos na piedade e na honestidade. Se sou magistrado, exerço o ofício confiado a mim da parte de Deus. Se sou servo, cuido fielmente das coisas de meu senhor. Enfim, todo aquele que sabe, com certeza, que Cristo é sua justiça não, apenas, trabalha em sua vocação corretamente e com alegria, mas, também, se sujeita, por causa do amor, aos magistrados, também, a suas leis ímpias e a tudo o mais na vida presente, mesmo a fardos e perigos, se a situação assim o exige, porque sabe que é da vontade de Deus e que lhe agrada tal obediência (LUTERO, 2008, p.35-36).

Ou seja, não devemos renunciar aos nossos chamados, mas devemos, sim, distingui-los dentro das diversas esferas vocacionais em que fomos chamados, para assim tratar de forma adequada como máscaras de Deus, uma vez que seremos sempre máscaras de Deus, e devemos observar as exigências de cada vocação. Assim, nessa busca, preciso conhecer as necessidades para que eu, máscara de Deus, revele Deus para aqueles com os quais trato nas minhas vocações, conforme a própria vontade de Deus, sendo justo pela fé em Cristo e exercer com justiça o meu chamado perante o próximo.

CONSIDERAÇÕES

Sem dúvida a doutrina dos “Dois Reinos”, as “Três Ordens”, a doutrina da vocação e o conceito de máscara de Deus são de grande importância para a vida do cristão. Eles explanam questionamentos, por vezes aflitivos, com relação às obras, à justiça passiva e ativa, bem como

trazem alívio de sabermos que temos vocações distintas que se encaixam na boa e santificada manutenção da criação divina.

O amor ao próximo é algo sempre presente, pois vivemos em tempos cada vez mais individualistas, onde as pessoas são doutrinadas a olhar somente para o seu eu, ignorando as necessidades dos outros, e aqui os ensinamentos sobre vocação e a certeza de que cada um é uma máscara de Deus que leva Cristo até o próximo são valiosos, pois nos fazem olhar para o nosso próximo de forma diferente, buscando ajudá-lo em suas mais variadas necessidades.

Saber sobre a doutrina da vocação também nos liberta para vivermos nossas vidas conforme a vontade de Deus, vivendo nossa fé no lugar onde estamos, seja em casa, no trabalho ou no governo; é assim que Deus mantém a sua criação, e os cristãos devem estar inseridos nesse meio, munidos da Palavra de Deus, fortalecidos pelos sacramentos e santificando e servindo a Deus no lugar em que ele nos colocou para cumprir a sua missão.

Contudo, temos responsabilidades em nossas vocações e, sem dúvida, uma ordem deve ser estabelecida com relação aos limites de ação em cada uma destas múltiplas e variáveis vocações que compõem as nossas vidas, pois se expandirmos uma esfera acima das outras, invadindo assim ou sobrepujando as outras e tratando todas conforme esta, superior, possivelmente teremos problemas.

Nossa vida vocacional é como uma gangorra, com variados e distintos acentos ligados em um único ponto central, Cristo, e esses acentos, por sua vez, são erguidos quando somos chamados para um ofício específico. Trazendo um exemplo, podemos dizer que: no momento em que uma pessoa, chamada, desempenha o ofício de pastor, ela deve admoestar, pregar a Palavra, administrar os sacramentos, aconselhar da melhor forma possível; contudo, quando esta pessoa chega em casa, o “acento de pastor” baixa e sobe o de marido, que deve amar e respeitar a esposa, ao mesmo tempo que, se é pai, deve também amar, brincar e conversar com os filhos; contudo, não deixará de ser pastor, cidadão, amigo, etc., apenas estará exercendo o ofício a que foi chamado naquele momento específico.

Foi citado aqui o exemplo de pastor e marido ou pai, mas isso serve, como já referido no texto, em qualquer posição que se ocupe, marido, esposa, estudante, patrão, empregado, governante.

Toda a criação tem de Deus as mesmas diretrizes, a fim de que exerça da melhor maneira possível, com certa ordem e decência, os ofícios e vocações a que foi chamada.

Com certeza, esse limite não é algo fixo, pois, por vezes, uma esfera pode, sem problemas, adentrar na outra para tratar um assunto específico, porém, o que não pode ser admitido é que um ofício se infle a ponto de se tratar todos os demais tendo por base aquele que se sobressai. Quando isso acontece, devemos lembrar que não deixamos de lado ou extirpamos definitiva ou temporariamente as outras vocações, mas as estamos negligenciando e assim usando mal a máscara de Deus na vida do nosso próximo.

Equilíbrio é uma palavra com peso quando falamos de nossas múltiplas vocações, que fazem parte dos “Dois Reinos”, que transpassam as “Três Ordens” e que nos movimentam a sermos a máscara de Deus em direção ao nosso próximo, uma vez que tudo isso pode ser estudado e observado separadamente; contudo, nesse exato momento, podemos ter a certeza de que tudo isso está se dando simultaneamente na vida de cada um de nós, cada um com suas peculiaridades.

Não foi nossa intenção esgotar o assunto nesse artigo, porém chamar a atenção a fim de que reflitamos sobre nossas vocações e a necessidade de termos certos limites, mesmo que imperfeitos ou imprecisos, para conseguirmos, com a orientação do Espírito Santo, sermos, dentro de nossas limitações, as melhores máscaras de Deus, desempenhando, conforme a vontade divina, as nossas vocações com as quais Deus mantém e sustém a sua criação.

REFERÊNCIAS

- ALMS, Paul G. The Sacraments and Vocation in Luther's Lectures on Genesis. *Concordia Theological Quarterly*, v.80, n.1, 2016.
- BENNE, Robert. Martin Luther on the Vocations of the Christian. *Oxford Research Encyclopedia of Religion*. Theology and Philosophy of Religion, Christianity, The Reformation Online Publication Date: Aug 2016 DOI: 10.1093/acrefore/9780199340378.013.363.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudos da Reforma*. Edição Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

- BUSS, P. W. Relação e Diferenciação entre as Ordens, Igreja e Estado. *Igreja Luterana*. I-II trimestre. Porto Alegre: Concórdia, 1985.
- EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero: Uma Introdução*. Tradução de Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- FROEHLICH, Karlfried. Luther on Vocation. *Lutheran Quarterly*, v.XIII, 1999.
- HEIN, S. A. Reason and The Two Kingdoms: An Essay in Luther's Thought. *Springfielder*, v.XXXVI, n.2, sept.1972.
- HEINECKEN. MARTIN J. Luther and the "Orders of Creation" in Relation to a Doctrine of Work and Vocation. *Lutheran Quarterly*, n.4, 1952.
- HURD, JEAN L. Women and Vocation: Co-Creating with God. *Word & World*, v.XV, n.3, 1995.
- KILCREASE, Jack. Kenosis and Vocation: Christ as the Author and Exemplar of Christian Freedom. *Logia: A Journal of Lutheran Theology*, v.19, n.4, 2010.
- KLEINHANS, Kathryn. The Work of a Christian: Vocation in Lutheran Perspective. *Word & World*, v.25, n.4, 2005.
- KOLB, Robert. God Calling, "Take Care of My People": Luther's Concept of Vocation in the Augsburg Confession and Its Apology. *Concordia Journal*, jan.1982.
- LIVRO DE CONCÓRDIA. Tradução de Arnaldo Schüler. 5.ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- LUTERO, Martinho. Comentário à Epístola aos Gálatas. Tradução de Paulo F. Flor e Luís H. Dreher. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas* – v.10. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ed. Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2008.
- _____. Da Autoridade Secular, até que ponto se lhe deve obediência. Tradução de Martin N. Dreher. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas* – v.6. Ética. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016.
- _____. Gênesis. Tradução de Geraldo Korndörfer. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas* – v.12. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ed. Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2014.
- _____. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. Tradução de Ilson Kayser. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas* – v.2. O programa da Reforma, Escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.

_____. Exposition of Psalm 127, for the Christians at Riga in Livonia. In: *Luther's Works*, v. 45. Trad. Walther Brandt. Saint Louis: CPH, 1962, p.311 -337.

MAXFIELD, John A. Luther and the Lutheran Confessions on Vocation. *Logia: A Journal of Lutheran Theology*, v.24, n.1, 2015.

MAYES, B. T. G. Luther on Vocation and Baptism: A Correction to Charismatic and Situational Ways of Discerning God's Call. *Concordia Theological Quarterly*, v.82, n.1, 2018.

MUELLER, Jonh T. *Dogmática Cristã*. Porto Alegre: Concórdia, 2004.

NESSAN, C. L. Reappropriating Luther's Two Kingdoms. *Lutheran Quarterly*, v.XIX, 2005.

NESTINGEN, JAMES A. Luther on Marriage, Vocation, and the Cross. *Word & World*, v.23, n.1, 2003.

PLESS, JOHN T. Vocation: Fruit of the Liturgy. *Logia: A Journal of Lutheran Theology*, v.XI, n.3, 2002.

_____. *Martín Lutero Predicador de la Cruz: Um estudo de la teologia pastoral de Lutero*. St. Louis, MO: Editorial Concórdia, 2016.

STAHLHOEFER, A. De Bona. "Política" em Lutero: uma análise a partir da doutrina dos dois regimentos. *Revista Brasileira de História das Religiões*.

ANPUH, ano II, n.5, 2009.

STEINBRONN, Anthony J. Luther's Use of *Larvae Dei*. *Concordia Journal*, Apr.1993.

VEITH JR., Gene E. *Espiritualidade da Cruz: Tradução de Paulo S. Albrecht*. Os Caminhos dos Primeiros Evangélicos. Porto Alegre: Concórdia, 2014.

WACHHOLZ, Wilhelm. O pensamento de Martim Lutero sobre razão e revelação na Igreja, na política e na economia. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.14, n.44, p.1193-1209, out./dez.2016.

WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus*. Tradução de Paulo Flor. Canoas: Ed. Ulbra, 2005.

WINGREN, Gustaf. *A Vocaçào Segundo Lutero*. Tradução de Martinho Lutero Hoffmann. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.